

Research Brief 2018

OS CALOIROS DA UNIVERSIDADE DA MADEIRA: RETRATOS E ALGUNS DESAFIOS

Maria Manuel Vieira

Andreia Micaela Nascimento



ÍNDICE

2-4

A universidade e a sua procura

4-10

Perfil dos estudantes entrados em 2017

10

cenários de futuro: alguns desafios

11

Referências bibliográficas

A Universidade da Madeira (UMa) nasce em 1988, sendo a mais recente universidade pública a ser instituída no país

No contexto do Ensino Superior Português, a Universidade da Madeira (UMa) e os seus estudantes constituem uma realidade pouco conhecida. Tal justificar-se-á, em parte, pelo facto de ser a mais recente universidade pública instituída no território nacional. Contrastando com a sua congénere açoriana – a Universidade dos Açores é criada em 1976, inscrevendo-se na primeira vaga de desconcentração territorial de oferta de ensino superior pós-revolução – a UMa nasce em 1988 com o intuito de dotar a Região Autónoma da Madeira de oferta de ensino universitário próprio, uma vez que este, já então promovido na região, era concretizado “através de centros de apoio e extensões de universidades sediadas no continente” (Decreto-Lei n.º 319-A/88, de 13 de setembro).

No ano em que a Universidade da Madeira comemora 30 anos de existência, considera-se oportuno ensaiar um retrato das principais tendências que marcam o acesso a esta instituição de ensino superior, bem como das características sócio-demográficas e académicas dos estudantes que a ela acedem. Como tem evoluído a sua procura ao longo do tempo? Que perfis de estudantes recruta? Quais os cursos que atraem mais candidatos? Com que desafios se debate? Estas são algumas das questões a que se procura dar resposta neste *research brief*.

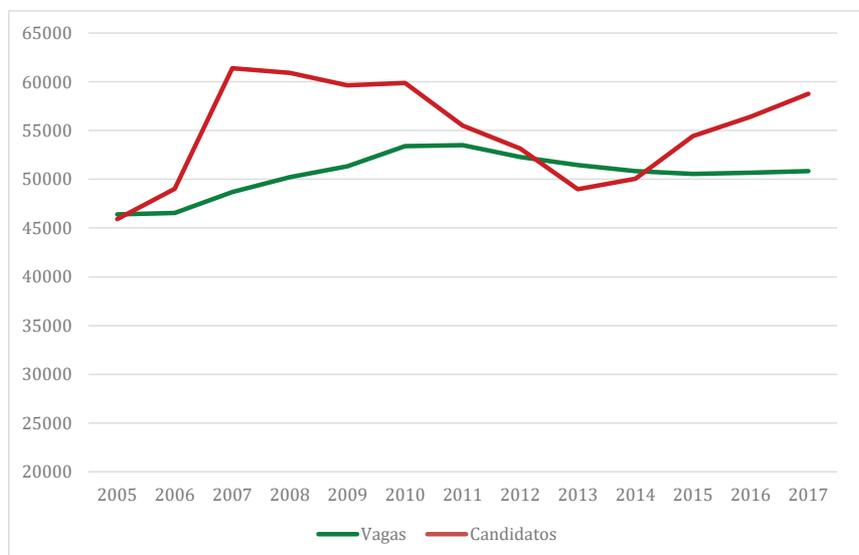
1. A UNIVERSIDADE E A SUA PROCURA

A expansão e diversificação da oferta formativa na Universidade da Madeira é um processo que tem vindo a ocorrer ao longo das suas três décadas de existência. O primeiro curso de licenciatura a ser lecionado é o de Educação Física e Desporto, em 1989-1990. Quase 30 anos volvidos, a UMa, sediada na cidade do Funchal, é atualmente composta pelas Faculdades de Artes e Humanidades, de Ciências Exatas e da Engenharia, de Ciências Sociais, de Ciências da Vida e pelas Escolas Superiores da Saúde e de Tecnologia e Gestão, e oferece 51 propostas formativas, distribuídas por um leque variado de modalidades e ciclos: cursos de 1.º ciclo (18), ciclo básico preparatório de mestrado integrado (1), cursos de 2.º ciclo (16), cursos de 3.º ciclo (6), curso de Pós-Graduação (1) e Cursos Técnicos Superiores Profissionais (9).

Certamente que a instalação de uma universidade pública na região, na sequência de uma política de expansão e democratização do ensino superior em Portugal, terá propiciado o acesso ao ensino superior de muitos madeirenses que, de outra forma, não teriam possibilidade de frequentar este nível de ensino. Os impactos individuais e coletivos de uma medida como esta extravasam, aliás, a mera credenciação: como vários estudos sublinham, eles abrangem dimensões culturais, económicas e sociais (Costa e Duarte, 2012; Martins e Conceição, 2015; Vieira, 2018), com impacto previsivelmente acrescido num contexto de insularidade como o é a Região Autónoma da

Gráfico 1 - Vagas e candidatos ao ensino superior. Portugal. 2005-2017

Fonte: Direção-Geral do Ensino Superior. *Estatísticas de acesso*



A UMA atinge o pico máximo de procura em 2008, seguindo-se decréscimo e estagnação de candidatos desde então



Gráfico 2 – Vagas, candidatos e candidatos em 1.ª opção na Universidade da Madeira. 2005-2017

Fonte: ME. Direção-Geral do Ensino Superior.

Madeira (RAM).

Para melhor contextualizar a procura da Universidade da Madeira, importa conhecer a evolução global da oferta e procura verificada no conjunto das instituições de ensino superior português, medida através do número de *vagas* postas a concurso em cada ano e dos *candidatos* que a elas se apresentam. O gráfico 1 expressa uma evolução positiva da oferta que ocorre de forma contínua de 2005 a 2011, ano em que se inicia uma contração, ainda que relativamente branda, do número de vagas disponíveis no ensino superior. A procura, pelo contrário, revela oscilações mais acentuadas: depois de um pico de candidatos (61 389) atingido em 2007, os anos subsequentes – e, em particular, os que coincidem com o período da crise (2011, 2012 e 2013) – são de queda abrupta. A retoma, iniciada em 2014, dá agora sinais de alguma vitalidade.

No caso específico da RAM, os ritmos e temporalidades parecem diferir do todo nacional. No que respeita à evolução da oferta, no período em referência constata-se um significativo impulso em 2006, quando as vagas disponibilizadas pela UMA se elevam para mais do dobro – passando de 201 vagas, em 2005, para 547, no ano seguinte. A partir daí o crescimento da oferta é bastante modesto, atingindo um máximo de 605 vagas em 2011, valor que se tem perpetuado, com ligeiras flutuações. Já no que concerne a procura, o gráfico 2 distingue o volume de candidatos que, anualmente, inscreve a UMA como uma das possibilidades na sua candidatura¹, e os candidatos que a escolhem em 1.ª opção. Verifica-se que estes últimos correspondem consistentemente, ao longo do arco temporal em referência, a cerca de um terço do total dos candidatos. Na Região, é em 2008 que a UMA atinge o pico

¹ Como é sabido, no concurso nacional de acesso ao ensino superior os candidatos podem concorrer até seis pares instituição/curso, isto é, seis combinações diferentes de instituições e cursos, indicadas por ordem de preferência.

máximo de procura, quer seja entre os candidatos (2754) que a integram no lote das seis instituições de ensino superior selecionadas, quer seja entre aqueles (1015) que a procuram como 1.^a opção. A partir desse ano, a procura decresce em ambas as situações, atingindo no caso dos candidatos em 1.^a opção o valor mais baixo (561 candidatos) em 2013 – precisamente o ano mais crítico de procura também a nível nacional, como se viu previamente. Desde então, observa-se uma atratividade oscilante junto dos que a colocam em primeira opção de preferências, com valores acima dos 600 candidatos apenas em 2015 (669) e em 2017 (629).

Não obstante a procura, nem todos os candidatos são efetivamente colocados no ensino superior e os que a ele acedem

nem sempre aí se mantêm. A evolução do número de matriculados é testemunho das oscilações que, ao longo da última década, marcaram a única instituição de ensino superior público na RAM: após um período de algum crescimento que se estende de 2007 a 2012, com o número de matriculados a ultrapassar anualmente os 3000, constata-se uma evolução tendencialmente negativa nos anos subsequentes que culmina, em 2017, com o valor mais baixo observado neste período: 2653 matriculados (gráfico 3). Importa sublinhar que esta tendência vai na contramão do que se observa a nível nacional, demonstrando a dificuldade que a Universidade da Madeira denota na recuperação de estudantes após os anos mais agudos da crise económica.

2 - PERFIL DOS ESTUDANTES ENTRADOS EM 2017

Considerando a retração de matriculados na Universidade da Madeira, torna-se pertinente conhecer com detalhe o perfil de quem a ela acedeu no presente ano letivo, se o objetivo for a inversão desta situação. Para tal, utilizam-se os dados de um inquérito por questionário² aplicado a estudantes colocados na UMA no corrente ano letivo, num total de 411 respondentes, ou seja, 97,9% dos que, efetivamente, se matricularam. Refira-se que a UMA abriu concurso para 593 novos alunos para o ano letivo 2017-2018, a distribuir por 19 cursos.

Vejam, em primeiro lugar, as preferências de curso demonstradas pelos candidatos colocados na UMA através da 1.^a fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior 2017. Analisando o gráfico 4 constata-se que 10 dos 19 cursos oferecidos apresentam uma popularidade bastante superior à dos restantes, uma vez que a proporção de matriculados relativamente ao número de vagas postas a concurso é igual ou supera os 90%. O Ciclo Básico Preparatório de Medicina lidera claramente este grupo, já que as 38 vagas disponibilizadas foram integralmente preenchidas, tendo todos os colocados procedido à matrícula (100%). Engenharia Informática (98,3%), Línguas e Relações Empresariais (97,1%), Educação Física e Desporto (96,6%), Design (96,4%), Psicologia (93,3%), Gestão (92,7%), Ciências da Educação (92,3%), Comunicação, Cultura e Organizações (91,4%) e Educação Básica (90%) completam o lote dos cursos com mais atratividade na UMA. Inversamente, os cursos de Estudos de Cultura (30,2%), Matemática (lecionado em inglês) (30%), Engenharia Eletrónica e Telecomunicações (em

inglês) (25%), Artes Visuais (20%) e Biologia (20%) revelam-se os menos atrativos, uma vez que o número de matriculados não chega sequer a atingir um terço das vagas disponibilizadas. Engenharia Civil, curso lecionado em inglês, sobressai pela negativa: das 20 vagas oferecidas, não regista nenhum candidato colocado.

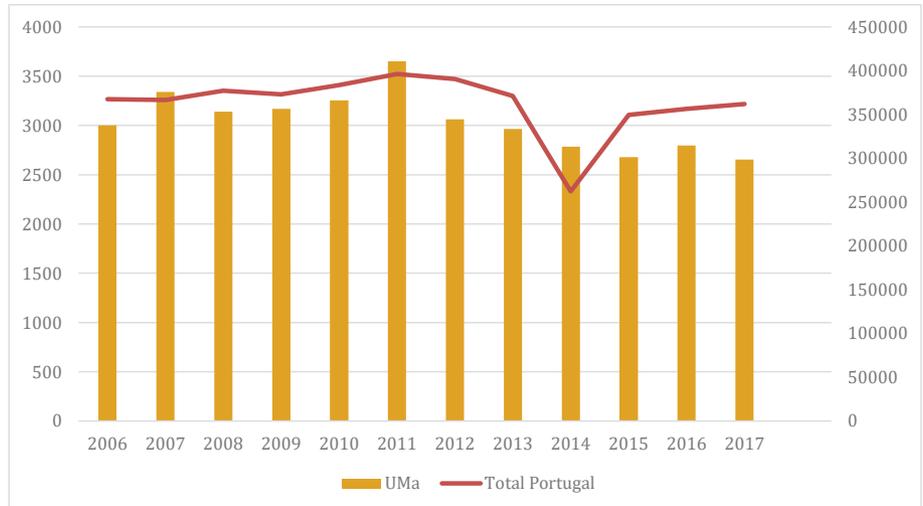
Importa referir que o Ciclo Básico do Mestrado Integrado em Medicina constitui uma cooperação interinstitucional com a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Por sua vez, 2017 marca o início do processo de internacionalização dos cursos da UMA com a concretização de um protocolo com a Província do Free-State (África do Sul) para a captação de estudantes internacionais, que culmina com a oferta de três cursos lecionados integralmente em inglês: Matemática, Engenharia Eletrónica e Telecomunicações e Engenharia Civil. Neste primeiro ano, a aposta na captação de estudantes internacionais como forma de combater a queda acentuada de discentes provou ter resultados modestos: esta oferta conseguiu apenas captar 14 estudantes entre 15 colocados, num total de 60 vagas distribuídas pelas três fases do concurso.

A análise da atratividade dos cursos, em função das vagas disponíveis, junto dos que acederam à UMA no presente ano letivo, remete para os sujeitos que protagonizam essas escolhas. Focar a análise nos estudantes recém-entrados permite centrar a observação na população que a UMA hoje atrai e aprofundar as propriedades sociais e académicas que a caracteriza, instrumento-chave para que os atores e responsáveis institucionais possam desenhar respostas mais adequadas.

² Inquérito realizado por Andreia Nascimento em parceria com a Associação Académica da UMA e aplicado entre 11 e 15 de setembro de 2017, durante o ato de matrícula, aos indivíduos colocados na instituição através da 1.^a fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior 2017. Refira-se que esta é a primeira inquirição extensiva realizada na UMA aos seus estudantes recém-entrados.

Gráfico 3 – Evolução do número de estudantes matriculados na Universidade da Madeira e no total do ensino superior (Portugal). 2006-2017

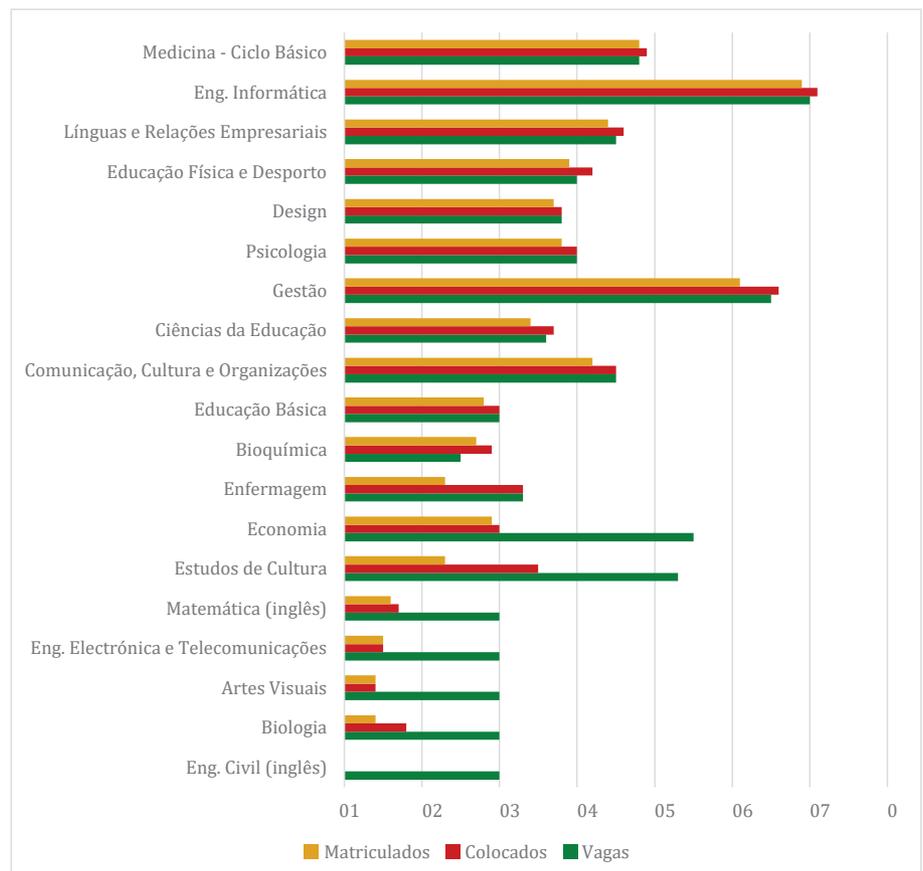
Fontes: Documentos levados a aprovação do Conselho Geral da UMa (UMa)



Os caloiros da UMa são maioritariamente jovens, do sexo feminino, com trajetórias de sucesso e provenientes de famílias com qualificações escolares modestas.

Gráfico 4 – Vagas, colocados e matriculados na 1.ª fase do Concurso de Acesso ao Ensino Superior 2017

Fonte: Inquérito aos indivíduos colocados na UMa através da 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior 2017 (Novos alunos UMa2017)

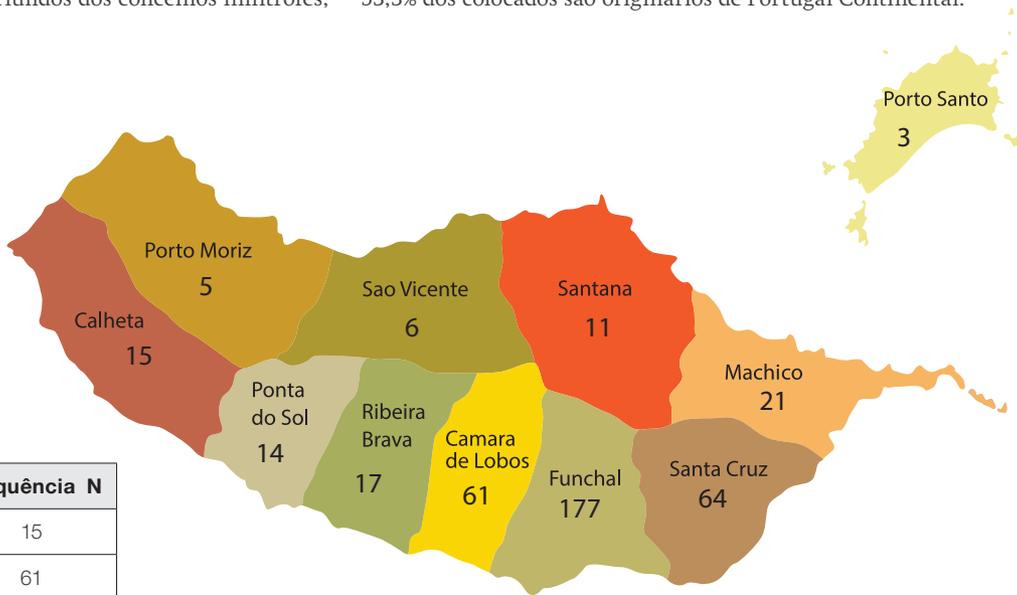


Dos dados obtidos através do inquérito sobressai, desde logo, o facto de o recrutamento da UMa ser essencialmente regional. À imagem do que sucede com a generalidade das instituições de ensino superior portuguesas, é na região onde a universidade se localiza que o seu público é captado: 96,6% dos estudantes da UMa residem na RAM. Destes, e considerando os 11 concelhos da RAM, é no município do Funchal, onde a UMa está sedeada, que reside a maioria dos inquiridos (44,7%) seguindo-se os estudantes oriundos dos concelhos limítrofes,

a sul, de Santa Cruz (16,1%) e de Câmara de Lobos (15,4%). O mapa 1 sublinha ainda os contrastes territoriais observados no interior da Região no que concerne o acesso à UMa, dado que o número de estudantes oriundos de outros concelhos como Porto Santo, Porto Moniz ou São Vicente é praticamente residual – respetivamente, 3, 5 e 6 estudantes. Resta acrescentar que os estudantes deslocados de fora da Região concentram-se num único curso, o Ciclo Básico de Medicina, onde 53,3% dos colocados são originários de Portugal Continental.

Mapa 1 - Número de alunos (n) residentes em cada concelho da RAM

Fonte: Inquérito aos indivíduos colocados na UMa através da 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior 2017 (Novos alunos UMa2017)



Residência	Frequência N
Calheta	15
Câmara de Lobos	61
Funchal	177
Machico	21
Ponta do Sol	14
Porto Moniz	5
Porto Santo	3
Ribeira Brava	17
Santa Cruz	64
Santana	11
São Vicente	6
Portugal Continental	13
Outro país	1
Total	408
Dados omissos	3

O inquérito revela igualmente uma outra característica dos estudantes que acedem à UMa: é uma população maioritariamente feminina (59,1% dos estudantes são raparigas) e jovem (mais de ¾ dos inquiridos tem entre 17 e 19 anos). Aliás, discriminando por sexos, verifica-se que as estudantes mais jovens (com idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos) se encontram representadas em maior proporção (mais de 6 p.p.) do que os seus congéneres masculinos, como se constata no quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição etária segundo o sexo (%)

Fonte: Inquérito Novos alunos UMa2017

Sexo	Grupo etário			TOTAL
	17-19 anos	20-23 anos	24 ou +	
Feminino	78,60	17,70	3,70	100
Masculino	73,21	21,43	5,36	100
TOTAL	76,40	19,20	4,40	100

Gráfico 5 – Nível de Escolaridade da Mãe (%)

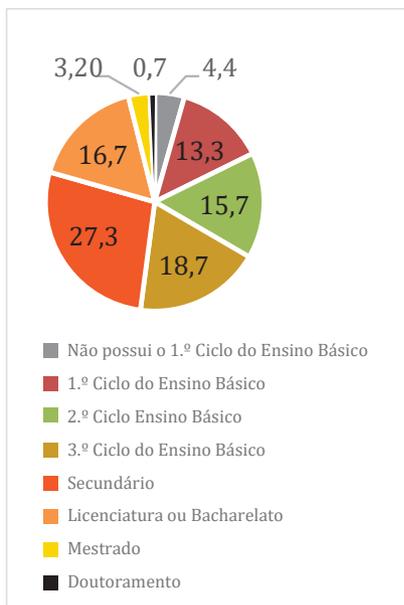
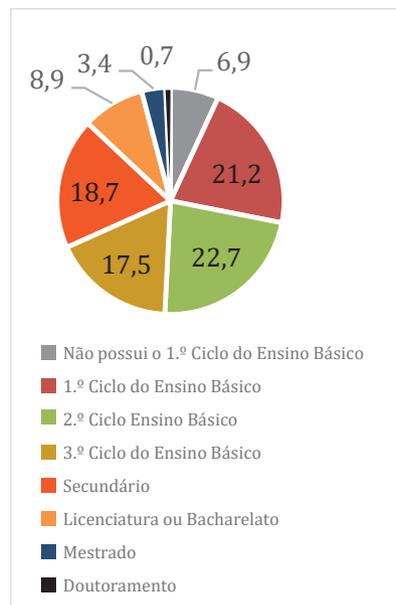


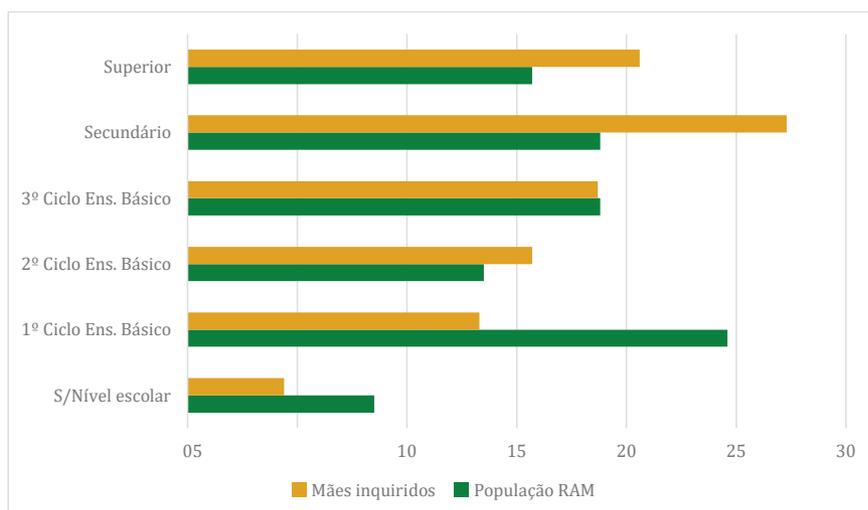
Gráfico 5 – Nível de Escolaridade do Pai (%)



Sabe-se como os recursos socioeducativos disponibilizados no contexto familiar podem revelar-se facilitadores da experiência escolar dos mais novos e potenciar, junto destes, disposições favoráveis a uma escolaridade mais longa. A avaliar pelo grau de instrução dos pais, os recém-entrados na UMA provêm de meios sociais marcados por qualificações escolares modestas: uma proporção significativa dos estudantes que se inscrevem no 1.º ano são filhos de mães e de pais possuidores de 4 anos de escolaridade ou menos como nível máximo de qualificação - 17,7% e 28,1%, respetivamente. Mesmo tendo em conta apenas a escolaridade da mãe – que a literatura indica como mais determinante no acompanhamento escolar dos filhos – a maioria (52,1%) dos estudantes revela qualificações maternas que não ultrapassam o 3.º ciclo do ensino básico (gráficos 5 e 6).

Não obstante, quando comparada com a escolaridade do conjunto da população residente na Região - e pese embora a comparação ser meramente aproximativa já que os pais dos estudantes concentram-se num grupo etário mais restritivo do que o considerado no gráfico 7 -, constata-se que, à escala local, os recém-entrados na UMA provêm de famílias relativamente privilegiadas em termos de capital escolar. Os níveis de escolaridade secundária ou superior atingem a proporção de 47,9% entre as mães dos estudantes inquiridos, 13,4 pontos percentuais acima do verificado entre o conjunto da população residente na Região; concomitantemente, as qualificações mais modestas encontram-se proporcionalmente menos representadas entre as mães dos recém-entrados, face ao conjunto da população (gráfico 7).

Gráfico 7 – População residente na RAM com 15 ou mais anos por nível de escolaridade completo mais elevado e nível de escolaridade das mães dos estudantes da UMA inquiridos %



Fontes: INE/Pordata Inquérito Novos Alunos UMA 2017

Ora, de que forma as características sociodemográficas brevemente apresentadas têm reflexo nas propriedades escolares dos inquiridos? Desde logo, a juventude etária dos recém-entrados na UMA prenuncia trajetórias académicas de sucesso, pautadas pela ausência de retenção durante a escolaridade anterior. Observando o gráfico 8 comprova-se que a generalidade dos respondentes (78,1%) indica não ter nenhuma experiência prévia de retenção. A uma distância significativa, situam-se aqueles que já experimentaram retenções no decurso da escolaridade. A maioria, porém, declara ter tido apenas uma retenção (14,4%), sendo duas ou mais retenções uma situação mais residual.

O perfil marcadamente jovem dos estudantes à entrada da universidade faz também supor que a maioria dos inquiridos terá ingressado no ensino superior logo no 1.º ano de candidatura. Com efeito, os dados recolhidos confirmam que a esmagadora maioria dos candidatos (81,5%) foi colocada no ensino superior à primeira tentativa (gráfico 9). A proporção de estudantes que indica ter ensaiado mais do que uma vez o acesso ao ensino superior ascende a 18,5%, entre os quais se contam 14,8% que afirmam ter obtido colocação à segunda tentativa. Embora em proporção modesta, é de assinalar que 3,7% corresponde a estudantes que tentaram três ou mais vezes o seu acesso ao ensino superior, certamente no desejo de entrar no curso e/ou instituição da sua preferência. Os constrangimentos institucionais impostos pelo critério do *numerus clausus* - que combina número de vagas disponibilizadas com um valor mínimo de nota de candidatura variável anualmente e largamente imprevisível - faz com que candidatos potencialmente elegíveis se vejam, por vezes, excluídos do curso ou instituição de ensino superior da sua preferência. O quadro 2 aprofunda a qualidade académica dos recém-entrados, desta feita relacionando a nota de candidatura apresentada pelos estudantes colocados na UMA através da 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior 2017, com a opção em que colocaram o curso em que se matriculam. Numa primeira leitura identifica-se claramente uma linha de corte na passagem da classificação de “Satisfaz” para a classificação de “Bom”: quase 60% dos estudantes que não se encontram em cursos colocados em 1.ª opção apresentaram-se a concurso com nota de candidatura igual ou inferior a 13; ao invés, 60,6% dos que se encontram em cursos colocados em 1.ª opção obtiveram notas de candidatura iguais ou superiores a 14 valores. É, também, no grupo dos que se encontram colocados em 1.ª opção que se regista a presença de alunos com classificações de excelência (18 valores ou mais). Isto significa que, genericamente, a obtenção de boas classificações amplia a possibilidade de aceder ao curso pretendido.

Não obstante, um olhar atento permite igualmente vislumbrar a exclusão de bons alunos do curso almejado, o que não deixa de colocar em causa o pilar legitimador da meritocracia escolar, ou seja, o laço entre trabalho (escolar) e recompensa (sucesso académico). Com efeito, de entre os que estão colocados num curso que não corresponde à sua 1.ª opção, 22,8% apresentam uma nota de candidatura situada entre os 14 e os

Gráfico 8 – Retenção durante a escolaridade obrigatória (%)

Fonte: Inquérito Novos Alunos UMA 2017

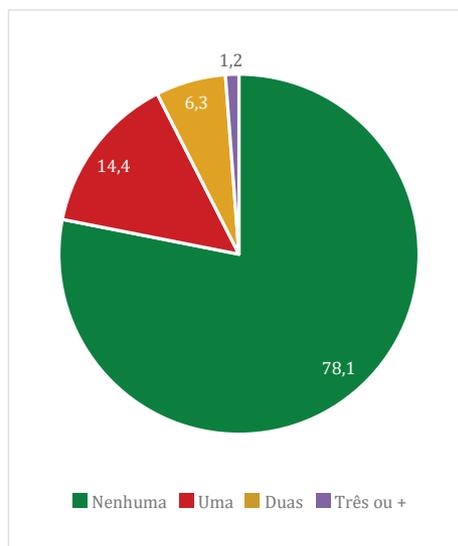
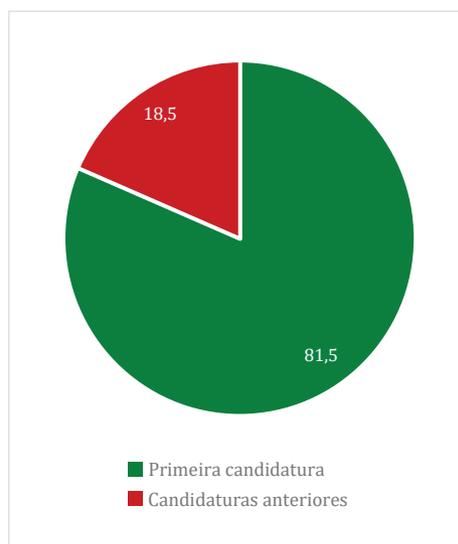


Gráfico 9 – Número de candidaturas ao ensino superior (%)

Fonte: Inquérito Novos Alunos UMA 2017



15 valores, e quase 1/5 são candidatos que se apresentaram ao Concurso com notas que correspondem a um trabalho escolar reconhecido como “Muito Bom” (16 e 17 valores).

Sabe-se como a condição social de género pode condicionar escolhas e projetos de vida. Com efeito, o equacionamento de futuros (profissionais, nomeadamente) tem reflexos nas escolhas de curso por parte de rapazes e de raparigas. O quadro 3 é elucidativo das disposições diferenciais, mas também das áreas de proximidade entre rapazes e raparigas no que concerne as opções de curso. Por um lado, verifica-se uma maior amplitude de áreas científicas/cursos na UMa onde as raparigas estão em maioria, comparativamente com os seus congéneres masculinos. Em 10 dos 18 cursos - Bioquímica, Medicina, Ciências da Educação, Comunicação Cultura e Organizações, Design, Educação Básica, Enfermagem, Gestão, Línguas e Relações Empresariais, Psicologia – as raparigas largamente predominam. Por sua vez, os rapazes concentram-se em maioria em apenas 4 cursos: Economia, Educação Física e Desporto, Engenharia Eletrónica e Telecomunicações e Engenharia Informática. A plena paridade verifica-se apenas em Artes Visuais, Biologia, Estudos de Cultura e Matemática. Por outro lado, a polarização por sexo em algumas áreas é extrema: ela ocorre em cursos ligados à educação (Educação Básica e Ciências da Educação) e psicologia, entre as raparigas, e às Engenharias (Engenharia Informática, Engenharia Eletrónica e Telecomunicações) no caso dos rapazes.

Quadro 2- Colocação em 1.ª opção face à nota de candidatura. %

Fonte: Inquérito Novos Alunos UMa 2017

Nota de Candidatura (valores)	Colocação em 1.ª opção	
	Não	Sim
10	3,5	1,3
11	7,0	4,5
12	28,1	11,6
13	21,0	22,0
14	19,3	24,8
15	3,5	13,9
16	1,8	7,7
17	15,8	11,0
18	0	2,6
19	0	0,3
20	0	0,3

Quadro 3 – Opção de curso segundo o sexo (%)

Fonte: Inquérito Novos Alunos UMa 2017

Curso	Homens	Mulheres	Total
Artes Visuais	50	50	100
Biologia	50	50	100
Bioquímica	29,4	70,6	100
Ciclo Básico de Medicina	25,7	74,3	100
Ciências da Educação	4,5	95,5	100
Comunicação, Cultura e Organizações	9,7	90,3	100
Design	40	60	100
Economia	53	47	100
Educação Básica	0	100	100
Educação Física e Desporto	63	37	100
Enfermagem	18,2	81,8	100
Engenharia Eletrónica e Telecomunicações	100	0	100
Engenharia Informática	86,2	13,8	100
Estudos de Cultura	50	50	100
Gestão	44	56	100
Línguas e Relações Empresariais	38,7	61,3	100
Matemática	50	50	100
Psicologia	7,4	92,6	100

Finalmente, a análise da distribuição etária dos estudantes do 1.º ano pelos cursos da UMA evidencia a heterogeneidade dos perfis. Os recém-entrados mais jovens (dos 17 aos 19 anos) predominam em todos os cursos, exceto no de Estudos de Cultura, onde repartem a sua presença com igual proporção de estudantes mais velhos (20 ou superior a 20 anos). No

entanto, a sua sobre-representação (acima dos 80%) é patente em sete cursos: Artes Visuais (100%), Ciclo Básico de Medicina (97,1%) e Engenharia Informática (91,4%), Gestão (88%), Economia (82,3%), Enfermagem (81,3%) e Engenharia Eletrónica e Telecomunicações (80%).

3 - CENÁRIOS DE FUTURO: ALGUNS DESAFIOS

A semelhança do que sucede nas restantes instituições de ensino superior do país, a Universidade da Madeira recruta maioritariamente os seus estudantes na Região. Esta circunstância não deixa de colocar desafios específicos: tratando-se de um território com características ultraperiféricas e insulares, a UMA encontra-se particularmente vulnerável às oscilações demográficas e às conjunturas sócio-económicas vividas na Região.

Se, como indicam os dados do Observatório de Educação da RAM (2016), o número de crianças que entram pela 1.ª vez no sistema educativo (matriculados no 1.º ano de escolaridade) na Região Autónoma da Madeira não tem parado de diminuir – cujo impacto na demografia escolar local não pode deixar de ser equacionado – a verdade é que o aumento da escolaridade obrigatória decretada em 2009 para 12 anos, isto é, para o final do ensino secundário, pode induzir o desejo de prosseguimento dos estudos por parte de um número acrescido de jovens alunos, criando condições para uma procura de ensino superior que anule, pelo menos a curto prazo, os efeitos da retração demográfica.

No entanto, os dados apresentados demonstram uma genérica redução dos alunos recrutados, que permanece justamente após 2009. Mesmo que a crise económica tenha tido reflexos particularmente expressivos na Região, a verdade é que se constata a dificuldade que a Universidade da Madeira demonstra na recuperação de estudantes após os anos mais críticos da crise. Por um lado, a análise realizada indica a inferioridade numérica dos recém-entrados do sexo masculino, quando comparados com as suas congéneres femininas, bem como a sua concentração num leque reduzido de cursos. Nesse sentido, haverá certamente muito caminho a percorrer para garantir maior atratividade da UMA junto dos rapazes que concluem o ensino secundário na Região. Por outro lado, a Universidade da Madeira concorre à escala local com as restantes instituições de ensino superior do país, uma vez que os estudantes madeirenses – à imagem dos que residem nos Açores – usufruem, no concurso anual de acesso ao ensino

Recrutando os seus estudantes maioritariamente na Região, a UMA encontra-se particularmente vulnerável às oscilações demográficas e sócio-económicas aí verificadas

superior, de vagas adicionais nos cursos das várias instituições do país disponibilizadas no chamado “contingente especial”. Por esse motivo, será importante conhecer a evolução (numérica, perfil sociodemográfico e curso/instituição de destino) dos que saem da região para frequentar o ensino superior noutras instituições do Continente - e, se possível, identificar eventuais razões para o abandono da RAM - para se apurar, de forma cabal, a situação real dos estudantes madeirenses à entrada do ensino superior.

Por último, importa destacar o facto de que a constatação da dificuldade de recrutamento discente conduziu a UMA a apostar numa experiência de internacionalização baseada em acordos de parceria e cursos ministrados em inglês para captação de alunos de fora do país. Este primeiro ano de experiência não parece ter suscitado os resultados esperados. Pese embora o carácter experimental que assume o primeiro ano de uma iniciativa como esta, importa conhecer aprofundadamente os contornos desta situação (condições de acolhimento, pré-requisitos académicos, apoio prestado, aulas efetivamente em inglês...) caso se pretenda apostar no incremento da internacionalização da UMA.

Referências bibliográficas

Costa, A.F. e Duarte, J. (2012). *Social mobility through Higher Education*. Comunicação apresentada ao 3rd International Workshop Sharing Best Practices in R&D and Education Statistics. Acedido em 23/05/2018 <http://www.dgeec.mec.pt/np4/67>

Dgeec. *Ensino superior: situação em 2012/13 dos inscritos pela primeira vez em 2011/12. Dados Estatísticos*. <http://www.dgeec.mec.pt/np4/estatglobal/>

Diário da República n.º 212/1988, 1.º Suplemento, Série I de 1988-09-13.

Engrácia, P. e Baptista, J. O.. *Percursos no ensino superior. Situação após quatro anos dos alunos inscritos em licenciaturas de três anos*. DGEEC, março 2018. <http://www.dgeec.mec.pt/np4/414/>

Gges-Mctes, *Estatísticas do Acesso do Ensino Superior Público - 1997 a 2017*. <http://www.dges.gov.pt/pt/pagina/regime-geral-ensino-superior-publico-concurso-nacional-de-acesso?plid=593>

Martins, S.C. e Conceição, C.P. (2015). "Análise dos impactos: expansão e convergência". in M. L. Rodrigues e M. Heitor (org.). *40 Anos de políticas de ciência e de ensino superior*. Coimbra: Almedina, pp. 51-76.

Observatório de Educação da RAM (2016). *Estado da Educação na RAM*. Funchal: Secretaria Regional da Educação. Pordata/ Dgeec/MEd – Mctes. *Alunos matriculados no ensino superior: total e por sexo*, Última atualização: 2017-09-29. <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>.

Universidade da Madeira, *Plano de Atividades da Universidade da Madeira para 2012*, fevereiro de 2012. Documento aprovado na reunião do Conselho Geral de 17 de fevereiro - deliberação número oitenta e três. Conselho Geral - Universidade da Madeira. http://conselhogeral.uma.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=101&lang=pt&limitstart=1

Universidade da Madeira, *Relatório de Atividades 2015*, junho de 2016. Documento aprovado na reunião do Conselho Geral de 17 de junho - deliberação número cento e oitenta e um - Conselho Geral - Universidade da Madeira. http://conselhogeral.uma.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=68&Itemid=151&lang=pt&limitstart=2

Universidade da Madeira, *Relatório de Atividades 2016*, junho de 2017. Documento aprovado na reunião do Conselho Geral de 28 de junho - deliberação número duzentos e cinco - Conselho Geral - Universidade da Madeira. http://conselhogeral.uma.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=61&Itemid=160&lang=pt&limitstart=2

Universidade da Madeira, *Relatório de Atividades 2017*, Universidade da Madeira. Documento aprovado na reunião do Conselho Geral de 23 de abril - deliberação número duzentos e dezassete - Conselho Geral - Universidade da Madeira. http://conselhogeral.uma.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=77&Itemid=171&lang=pt&limitstart=1

Vieira, D. A. (2018). *Determinantes e significados do ingresso dos jovens no ensino superior*. Lisboa: Press Forum, Comunicação Social S.A.

Observatório Permanente da Juventude

O Observatório Permanente da Juventude é um programa de investigação e estudos do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, instituição responsável pelo seu funcionamento e coordenação científica desde 1989.

Pretendendo potenciar a produção, a troca e a difusão do conhecimento científico sobre a diversidade de realidade juvenis em Portugal e no mundo, o OPJ beneficia de um largo património e experiência de investigação nacional e internacional.

Saiba mais em

www.opj.ics.ul.pt

ISBN: 978-972-671-494-1